

Especial

Uma luta de mãe e filha

Advogada, mãe e bipolar. Renata Galdencio, 43, teve sua primeira crise aos 13 anos. Desfocada e com sentimento de indiferença aos outros, tinha dificuldades de socializar. Passou por insônia, dores de cabeça frequentes e uma tentativa de suicídio aos 16. Uma jornada de altos e baixos. Apesar da adolescência difícil, as coisas não ficaram mais fáceis quando a transição para a vida adulta começou. Aos 25 anos, segundo ela, tudo piorou novamente. “As crises de depressão eram constantes. Fiquei muito mal e com 32 anos tentei suicídio de novo”, desabafa.

Momentos de vazio e incompreensão. Esses eram os sentimentos que faziam parte da rotina da advogada. O diagnóstico do transtorno só veio após o da **filha**. Depois da descoberta, ela comenta que conseguiu entender tudo o que enfrentou no passado. Mas uma grande dificuldade foi lidar com tudo isso ao lado da Mayra. As duas afirmam que, muitas vezes, não conseguiam se entender. Uma em crise depressiva e a outra imersa dentro de momentos eufóricos. Em muitas situações, as brigas eram certas. Ainda que o cenário se complique em alguns casos, a postura de ambas mudou quando descobriram que seus comportamentos não eram propositais, mas frutos da doença. “Teve uma época em que não conseguíamos sequer nos falar. Mas, hoje, é bem mais fácil. Temos a compreensão e o entendimento do que está acontecendo”, conta.

Há um ano, desde o diagnóstico da patologia, a filha Mayra

Fator genético

Gerações protegidas e bem acompanhadas são a chave para um menor risco de desenvolvimento de transtornos no geral. Apesar disso, ainda existe uma probabilidade para o desenvolvimento da doença. “O transtorno bipolar tem o que chamamos de herdabilidade de 60% a 80%”, informa Leonardo Sodré, da UnB. A herdabilidade significa o quanto a patologia é determinada por fatores genéticos e não ambientais. Entretanto, segundo o psiquiatra, “existe uma influência, mas está longe de ser um determinismo”, assegurando que não se trata de uma certeza que haverá manifestação da doença em filhos e parentes próximos.

Galdencio, 20 anos, detalha cada momento que passou até a descoberta do transtorno. Os primeiros sintomas, segundo a jovem, surgiram aos 10 anos, quando passou a ter ataques de pânico. Na época, os médicos acreditaram que se tratava apenas de ansiedade. Em seguida, ao longo dos anos, ela comenta que viveu diversos momentos depressivos, o que ocasionou no resultado do transtorno misto. A partir do novo diagnóstico, Mayra começou a tomar antidepressivos, mas sem nenhum efeito nos sintomas, que oscilavam diariamente.



Renata e Mayra Galdencio, mãe e filha, dividem a luta contra a doença

“Nesses 10 anos fui piorando bastante. Os remédios não faziam efeito e eu não conseguia ter uma vida normal e saudável”, conta. Após viver as “piores crises”, a estudante de letras conheceu uma psiquiatra que a ajudou a enfrentar as barreiras que precisava em busca de uma saúde mental mais estável. A médica foi a responsável por diagnosticar Mayra de forma correta, afirmando que a mesma não detinha o transtorno misto, como mencionado anteriormente, e, sim, um transtorno de humor.

Assim que descobriu o que buscou a vida inteira em um exame, ela relata que as primeiras sensações foram como “facadas no estômago”. Quando soube que era portadora de um transtorno sem cura, confessa que se sentiu perdida e desolada. “É uma doença que te tira muitas coisas. No início, a aceitação foi bem difícil”, relata. Mas, assim que passou a compreender como funcionava o transtorno, viveu momentos ímpares.

A partir da eficácia do trata-

mento, hoje, a jovem se encontra estável. Para ela, há uma palavra que ajuda a evitar os momentos de crise: disciplina. “Tomar os remédios no horário, fazer terapia, realizar atividades físicas, realmente ter uma rotina. Coisas que parecem tão simples, mas que fazem total diferença”, finaliza.

Advogada, mãe e bipolar. Filha, estudante e bipolar. Renata e Mayra não se encaixam somente nas palavras inseridas no início do texto. Ambas ensinam e aprendem uma com a outra, que é possível viver com transtorno e ainda assim se amarem. As duas carregam em suas histórias o título de “guerreiras”, por conseguirem passar por tudo e enxergar que um bipolar — ou qualquer pessoa portadora de alguma doença mental — pode viver a vida normalmente. Acima de tudo, as duas desejam uma vida com olhares de menos indiferença. Elas pedem para que sejam vistas como pessoas normais — e realmente são — sobretudo, pessoas que estão vivendo um dia de cada vez.